

A PROPOSITO DA OBRA  
POETICA DA SENHORA  
D. MARIA AMALIA

(Na Sociedade de Belas Artes,  
aos 16 de Março de 1918)

POR

Affonso Lopes Vieira



A PROPÓSITO DA OBRA  
POÉTICA DA SENHORA  
D. MARIA AMALIA

*(Separata da «Atlantida», tiragem 20 ex., dois em Japão)*

A PROPOSITO DA OBRA  
POETICA DA SENHORA  
D. MARIA AMALIA

(Na Sociedade de Belas Artes,  
aos 16 de Março de 1918)

POR

Affonso Lopes Vieira

821

L  
100411

## A propósito da obra poética da Senhora D. Maria Amalia

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES :

Venho trazer à consagração da eminente escritora, a Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a minha contribuição modesta mas encantada, cedendo por êste modo às instâncias que me foram manifestadas tam gentilmente. Pensei primeiro que a maneira mais amiga de servir que eu poderia ter de colaborar nesta festa do espírito, seria limitar-me a emoldurar em palavras que fôsem simples rubricas, algumas passagens de *Uma Primavera de Mulher* e algumas poesias das *Vozes do Ermo*; mas desde que eu soube que as recitações seriam feitas por senhoras, imediatamente reconheci que êsses versos ficariam mal na minha voz, e decidi escrever então umas páginas, que devem ocupar um tempo muito breve, a propósito da obra poética da ilustre Senhora cujas bodas de ouro literárias estamos celebrando. — Perante a poesia dêsses versos escritos e publicados por um gentilíssimo espírito de rapariga que desabrochava então para a sua vida literária, começámos por sentir que êles possuem uma qualidade primacial e sedutora: — são versos *de mulher*. Porque a poesia possui também um sexo, e é assim que a maior de todas as poetisas, é delas a maior simplesmente porque na sua comoção e na sua arte é a mais feminina de todas. Refiro-me a essa dolorosa e genial Desbordes-Valmore, em cujas elegias, em cujos versos todos

não existe — permita-se-me a expressão — um verso de homem, — a genial, dolorosa e patética mulher que exprimiu com uma arte tam singular que parece não dar pelo próprio requinte, com um acento de sinceridade que nunca soa falso, com um poder simples e fervente de comunicação que jamais arrefece o nosso encanto, — todos os segredos, todas as dores, todos os anseios duma mulher que ama e que sofre. Ah! sim, a poesia tem um sexo, e o defeito capital de tantas poetisas e, por exemplo, de quási todas as actuais poetisas francesas, é não saberem diferenciar nas suas obras a alma feminina que elas deviam possuir para nos encantar, como o souberam essa admirável poetisa galega Rosalia Castro de Murguia, que bem podemos considerar do nosso sangue, a inglesa Elisabeth Browning, que chamou aos seus sonetos de amor — «Sonetos portugueses», e, mais que nenhuma, repito, Marceline Desbordes-Valmore, dalguma sorte irmã da Freira portuguesa, porque se na terra existem dois documentos do que seja a alma amorosa feminina, são por certo as cinco Cartas de Sórora Mariana e as poesias da grande romântica francesa. Mas se eu recordo o nome de Marceline Desbordes-Valmore — que é, de resto, uma das minhas ardentes devoções em Poesia — a propósito dos versos portugueses de que desejo falar um pouco, é apenas para dizer que estes versos possuem esta primeira qualidade — sente-se neles que foram escritos por uma mulher. E, com efeito, só com êste desígnio poderia eu invocar agora o nome da adorável elegíaca que citei, porque o contraste entre as condições morais e sociais das duas autoras é na realidade o mais profundo.

Desbordes-Valmore escreveu os seus versos sem intenção de se ocupar de literatura, mas apenas para confessar e consolar as suas mágoas de mulher desamada ou traída, as suas ansiedades de meiga criatura acossada por tempestades dolorosas, nascidas todas dum amor violento por alguém que de certo o não merecia; e os versos da poetisa portuguesa são um gorgoeio matinal, o primeiro vôo espiritual, pleno de sentimentalidade e de graça jovem, que uma nobre menina ensaia ao despontar duma carreira literária cuja esplêndida actividade havia de abranger a crónica, a novela, o conto, a crítica, a história, — o trabalho de fantasia, o trabalho do moralista, do erudito e do educador.

Essa obra em prosa é vasta e complexa, e nela se contém o melhor do espírito de quem a criou; mas eu creio que há tam-



bêm uma poesia subtil em que recordemos aqueles primeiros passos dados por quem havia de seguir a sua bela jornada, primeiros passos nas letras, os quais, só por si, não dariam talvez a glória à sua autora, mas encerram a palpação mais sentida da sua mocidade, vivida numa velha casa solarenga, numa solidade propícia aos devaneios, aos pensamentos e às quimeras dum espírito moço e com talento, e ao contacto duma natureza melancólica, cuja impressão e cujo perfume por certo haviam de deixar no espírito de quem a sentiu e amou tanto, a indelével lembrança, a lição amorável, — e a saúde. . .

A Senhora D. Maria Amalia é uma senhora da sociedade que, num país como o nosso, realizou o verdadeiro milagre de viver nobremente pela sua pena; e se a todos os homens de letras honra sobremaneira esta camaradagem finíssima, não é menos certo que à eminente Senhora assiste a glória de nos haver dado um exemplo admirável de trabalho, de fecundo exemplo, de fé activa, de orgulhosa e santa independência, vivendo para as letras e pelas letras, guardando sempre a atitude altiva e doce duma grande Senhora, e servindo também a sua Pátria enviando para além do Atlântico, a êsse moço e enorme Portugal que se chama Brasil, as ideas da nossa tradição e da nossa cultura.

Início de carreira literária, a *Primavera de Mulher* apareceu numa época em que uma senhora necessitava de certa coragem para publicar um livro. Nós hoje, nesta Lisboa de 1918, não devemos esquecer o que, para um facto como êsse, seria o meio da Lisboa de 1868, — a Lisboa ainda recolhida nos seus decorosos salões, que aparecia nos grandes bailes mas não passeava na rua, e em que, literariamente, Castilho era o monarca e o deus cuja realza e cujo culto haviam de ser abalados pela moça Escola irreverente de Coimbra, mas na realidade pouco abalados porque a sua côrte e a devoção que êle inspirava mantiveram-se vitoriosamente, assim como continuaram fielmente agrupados em volta dêsse velho encantador os seus discipulos e amigos. Castilho, tam grande artista e amoroso da nossa linguagem como percursor em esforços de sincero educador, e ao qual a nossa geração dá hoje o altíssimo lugar que lhe compete, foi um dos padrinhos da *Primavera de Mulher*, e o velho bardo sentia orgu-

Iho em ter sido êle quem baptizara o poema daquela a quem chamou «a juvenil muza, que nos sahio inesperada como as Dryades, dos troncos da sua florida soledade».

Nessa Lisboa em que, vinte anos antes, Garrett representava uma admirável e perene mocidade de poeta, de dandy e de homem de espírito, e onde, ao tempo, o ingénuo e rude Herculano falava cândidamente de altos problemas de história aos janotas do Chiado que iam subindo com êle essa rua — *levando o Herculano ao peito*, segundo a frase do dandysmo da época — nessa Lisboa e nesse Portugal que aparecem já aos nossos olhos como que revestidos de verdadeiros tons arcaicos, se bem que não muito longe êles vão ainda, — foi realmente belo que uma senhora tam jovem rompesse com os preconceitos da sociedade a que pertencia e elevasse a sua voz ardente e ingénua nesse poema tam feminina e frescamente intitulado.

Por isso nós todos, que amamos a Poesia e consideramos mesmo a tradição lírica nacional como um dos mais belos segredos da resistência heróica da Raça, — porque em Portugal a poesia nunca foi um jôgo do espírito, mas foi sempre e é ainda uma das mais fortes razões da Nacionalidade, — nós todos devemos venerar na Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho um encantador e benigno espírito que não receou entoar, antes encantadamente entoou a sua canção vibrante de mocidade sob êste céu adorável de Portugal, — céu tam brando e suave que assume às vezes as proporções duma transcendente ironia, sorrindo às nossas incertezas e às nossas dores, e cobrindo mesmo as nossas agonias com o seu azul de eterna Primavera . . .

Foi Thomaz Ribeiro quem prefaçiou a estreia dêsses líricos dezanove anos. Então já em plena glória, porque havia publicado essa já hoje outra vez para nós linda e enternecida novela em verso que se chama *D. Jayme* — e falo assim porque durante um certo tempo o *D. Jayme* sofreu o exílio a que o votaram outras escolas ou concepções de arte — Thomaz Ribeiro, então em plena glória e tendo recebido numa eleição de deputado uma das coroas de triunfo que o Estado em Portugal costumava dispensar aos poetas consagrados durante o período constitucional, — Thomaz Ribeiro conta no prefácio do poema, escrito com uma familiar bonomia que a nós, imbuídos hoje de literatura e de arte, nos sugere desde logo as condições do meio, — como se achou interessado e depois encantado ao conhecer os versos duma *Prima-*

*vera de Mulher*, de que o pai da jovem poetisa lhe falara uma vez no parlamento, com certo temor da vocação da filha, que ia, com êsse livro, revelar o cândido ardor duma mocidade excepcional. Seis anos depois da publicação dêste poema, publica a poetisa as *Vozes do Ermo*.

Já então a atmosfera literária tinha mudado.

Castilho ouvia ainda, extasiadamente e sorrindo na sua barba branca de homérico rapsodo, cantar aquella dourada cigarra de Anacreonte que vinha pousar na copa da sua olaia; mas o vento de ideas novas que soprara de Coimbra criara novas concepções, engendrara modas diferentes. Entretanto, dois poetas de génio se haviam revelado,—João de Deus e Anthero de Quental, o primeiro compondo algumas das suas líricas maravilhosas em que palpita, geme ou sorri o sentimento ancestral e amoroso da Raça, ao mesmo tempo tam puro e sensual, duma sensualidade tam plena de ternura e adoração extasiada, que por assim dizer ela se espiritualiza; Anthero de Quental tendo dado à luz êsse combate heróico do espírito que se chama *Odes modernas*, e tendo fundido no bronze das suas agonias intellectuais alguns daqueles Sonetos que entraram depois no seu livro definitivo e imortal. De envolta com as ideas fecundas, vieram, como sempre acontece, as ideas sectárias. Começou então a produzir-se aquella horrível prosa a que se chamou *poesia social*, e a ser moda desdenhar dos poetas sentimentais, como se fôsse possível existir um poeta que não fôsse sentimental, como se um grande poeta não tivesse de ser forçosamente um grande sentimental, e como se o problema não estivesse precisamente no modo de exprimir a sentimentalidade que deve animar todo o poeta.

Nesta nossa época tam cheia de dor — da maior dor humana da História — revive nas almas a admiração e a sêde da grande e pura arte do sentimento, — digamos a palavra: da grande arte romântica, não declamatória, mas idealista; e esta sêde é natural após a fadiga dos sistemas positivistas scientificos, desde que a propria sciência adquire cada vez mais a noção do Mistério que tudo envolve, começando, por exemplo, a física e a química a serem a magia e a alquimia. Toda a grande arte é romântica, e sempre de resto o foi, porque já Sthendal dizia, com a singular finura do seu espírito adivinhador, que Shakespeare era o maior dos românticos.

É por isso que para alguns dêstes poetas, desde os belos

rapazes do *Trovador* de Coimbra até o grande elegíaco Soares de Passos, poetas desdenhados pelas gerações positivistas, materialistas, preocupadas com sistemas e receitas da ciência e querendo, por causa da ciência, da política ou da filosofia, impor silêncio aos roussinóis, desdenhando dos temas imortais da mais bela poesia, que foram e hão-de ser sempre os temas do amor e os que o amor sugere, — é por isso que para alguns desses poetas se restaura agora a nossa admiração simpática, desde que nós acreditamos que, em poesia, é mil vezes preferível que um homem celebre, mesmo tímidamente, a emoção que lhe dá uma flor em que os dedos da mulher amada tocaram, do que declame, mesmo com eloquência, tiradas sobre um assunto satírico, didático ou político. Guerra Junqueiro, que escreveu *Os Simples*, uma das mais belas páginas do nosso lirismo, padecia nesta época desse desdém pelos que tinham o gosto e a coragem de colher mais comoção numa flor, — por exemplo numa bonina, que é por certo uma linda flor, — do que numa das chagas do D. João ou na psicología dum dos cónegos da Sé de Leiria. Mas Junqueiro é um espirito tam alto que veio a ser infinitamente sentimental nos *Simples*, do mesmo modo que Eça de Queiroz acabou por fazer nos seus últimos romances uma descoberta na verdade tam interessante e comovedora para êle, que esses belos livros seus são aqueles que o aparentam com a geração de hoje: — a descoberta de Portugal.

Ao aparecerem as *Vozes do Ermo*, num tempo em que a Senhora D. Maria Amalia usava o pseudónimo de Valentina de Lucena, Guerra Junqueiro publicou uns alexandrinos muito característicos da sua maneira de então, e em que se celebra o talento da jovem poetisa e se emmoldura essa admiração numa sátira aos poetas sentimentais da época, a cuja linhagem ela se aparentava, vinda da tradição antiga e forte de Castilho. Desses alexandrinos de Junqueiro, vou dizer a parte lírica em que o poeta canta graciosamente aquela a quem êle chama a «sublime criança», autora das *Vozes do Ermo*:

Ó sublime criança, ó meiga Valentina,  
Quando tu de manhã vês pastar na campina  
Entre o róseo nevoeiro o Pégaso selvagem,  
Atrevida e gentil, como um pequeno pagem,  
Corres; sem medo algum bates-lhe sobre a anca,  
Lanças à crina escura a mão nervosa e branca,

E rindo, sem fazer o mais pequeno esforço,  
 Dás um salto elegante e poisas-lhe no dorso.  
 E o cavalo, sentindo o pêso encantador  
 Da amazona gentil, — que é o pêso duma flor,  
 Caracola orgulhoso e vai pelos caminhos  
 Cheios de luz, de sons, de frémitos, de ninhos,  
 Pelos ricos vergéis, pelos virentes prados.  
 Obriga-lo a saltar as sebes dos valados,  
 E colhes, quando salta, um pâmpano de vinha . . .

Falando da eminente escritora, e lembrando que ela foi a mulher de Gonçalves Crespo, seria ocasião de recordar, ainda como um tema poético da sua vida, e até como o mais belo — visto que a mais bela poesia é aquela que se produz na acção e não a que se escreve — seria ensejo de recordar, dizia eu, as condições tam gentilmente romanescas em que estes dois delicados espíritos se descobriram, se conheceram e vieram depois a juntar os seus destinos. Neste momento, e sem indiscreção porque êste episódio pertence já por assim dizer à história literária, — basta que recordemos que Gonçalves Crespo era então estudante em Coimbra — essa Coimbra que, por uma espécie de fatalidade lírica, aparece ligada sempre a todos os factos ou legendas de poesia e de amor. Fazendo parte duma geração donde saíram bastantes homens de talento brilhante, trabalhando nas suas *Miniaturas*, onde há poesias belas, em que a concepção parnasiana vem embrandecida pela graça dum lirismo sentido, Gonçalves Crespo recebeu com os versos da poetisa que de longe cantava o seu hino fervente e ingénuo, a impressão decisiva da sua alma.

E foi de Coimbra que êle escreveu, à que havia depois de ser sua mulher, aquelas cartas que, na obra do poeta, devem ser as páginas mais vividas e formosas, porque foram escritas para a mulher amada, desvendando só para ela a encantação do seu segrêdo, criando só para ela a mais bela poesia que um verdadeiro poeta pode compor, e é a que é levada por essas andorinhas que cortam ansiosamente o azul saúdoso das distâncias: — as cartas d'amor à mulher amada. — Nesse lar de artistas, o culto da Poesia manteve-se sempre aceso, e ser-nos há grato recordar a dedicatória dos *Nocturnos*, em que o poeta celebra numa estân-

cia enternecida a sua nobre camarada de espírito e a terna companheira do seu lar :

A ti, ó boa e rara e fiel amiga,  
A mais santa e a melhor das companheiras,  
A ti, ó flor mimosa e alma antiga,  
Doce Prémio que ris ao meu cansaço,  
A ti, ó meu Conselho, estas ligeiras  
Fóllhas que ponho a mêdo em teu regaço.

Minhas senhoras e meus senhores: Vou terminar a leitura destas páginas, que eu sei bem nada podem acrescentar ao brilho da consagração promovida em honra da Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, nem muito menos poderão acrescentar uma parte de beleza à glória desta Senhora. Mas, falando de poesia, eu queria empregar ao menos uma frase que nos encantasse com uma bela intenção poética, para por minha vez a ofertar à Senhora D. Maria Amalia; uma frase cuja alada gentileza pairasse acima daqueles louros que as academias conferem, e fôsse quanto melhor que todas as minhas pobres palavras; enfim, uma frase que contivesse todo o respeito, admiração e carinho pela escritora e pela Senhora ilustre. Buscando essa frase, recordo-me então destas palavras com que espiritualmente a define uma Senhora também muito ilustre, e que é uma das suas melhores amigas: — a *Fada de Santa Catarina*.

